

RESENHA

NÓS CHEGEMU NA ESCOLA, E AGORA?

*por Ester Maria de Figueiredo Souza**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolingüística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, 263p.

O livro constitui-se de 21 capítulos e gira em torno da compreensão da relevância dos estudos sociolingüísticos para a educação. Apresenta uma pedagogia de língua materna, considerando o trabalho com a diversidade da língua como um campo político para a formação da subjetividade dos aprendizes. Sintetiza, como convergência entre os capítulos, a reflexão acerca das desigualdades sociais e seus impactos no processo de educação formal. Daí, o sugestivo título, grafado na oralidade coloquial dos registros escolares. Destina-se a professores, de ensino fundamental e médio, pesquisadores e estudantes de Letras e Pedagogia.

O livro aproxima os estudos lingüísticos, particularmente aqueles referentes à variação, dos estudos educacionais: é uma sociolingüística aplicada à educação, itinerário que a autora vem construindo com suas pesquisas,

* Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professora Adjunto do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários (Dell) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: ester@uesb.br

disponibilizando ao público uma amostragem do que se denomina educação lingüística humanizadora.

Bortoni-Ricardo justifica a organização do livro como comemorativo de conclusão de seus 20 anos de doutorado. Os capítulos selecionados, de sua exclusiva autoria, apresentam conceitos-chave que se interseccionam com a pedagogia, a saber: educação bidialetal, cultura, aprendizagem, competência, análise de erros, etc, o que reforça a importância de seus estudos para a compreensão da escola e da práxis educacional.

O ofício de ensinar exige do professor o domínio de várias áreas de conhecimento, entre elas as teorias da linguagem, as quais oferecem suporte para (re) definir práticas pedagógicas. O livro privilegia as contribuições da sociolingüística para a escola, oferecendo desdobramentos pedagógicos para o ensino com fundamentação teórica adequada e exemplificação de dados de pesquisa, que transpõem conceitos para a metodologia de ensino. Expõe, ainda, em seus capítulos, uma reflexão sobre a variação lingüística no interior da escola: como e por que esse conceito integra o ensino, atravessa as práticas pedagógicas e inscreve uma nova (ou outra) pedagogia para a aula não apenas de língua portuguesa, visto ser a linguagem, como produção, trabalho e processo histórico e cultural, ação social em todas as disciplinas do currículo escolar. A autora discute, com propriedade, como o professor pode e deve trabalhar a questão do erro lingüístico – não como uma deficiência do aluno, mas, sim, como diferentes variedades, pontuando o conceito de adequação lingüística. Em outros capítulos, o leitor pode extrair uma etnografia da linguagem, estabelecendo pontes com pesquisas sobre linguagem e educação.

O público a quem o livro se destina deve se sentir contemplado com esta obra introdutória. Os estudos e pesquisa de Bortoni, acumulados ao longo de mais de duas décadas, são traduzidos para o âmbito da escola, respondendo a questionamentos bastante comuns no cotidiano da escola: qual português deve ser ensinado aos alunos? Qual tem maior valor? Deve-se ensinar português? A quem compete corrigir “erros dos alunos”? São questionamentos provocadores de reflexão e revisão da ação docente de todos os que compartilham da necessidade de se incluir uma pedagogia culturalmente sensível na sala de aula. Para isso, o trato com a linguagem e a concepção de ensino que a ela se vincula são primordiais nesse processo de decisão.

Assistimos, no cenário nacional, a discussões sobre os níveis de aprendizagem dos alunos, notadamente sobre a capacidade de ler e escrever. Os últimos resultados do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb), do Ministério da Educação (MEC), mostram que o desempenho lingüístico dos alunos tem piorado. Referente à matéria Língua Portuguesa, quase 60% dos alunos apresentam média muito fraca no teste de compreensão. Além dos resultados do Saeb, o teste do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), aplicado pela primeira vez no ano 2000, em 32 países, coloca o Brasil, no último lugar, no item compreensão textual. Diante da constatação da gravidade desses índices e padrões, não é de se estranhar que os alunos escrevam “chegemu” e que se questionem: “nós chegemu na escola, e agora?”

O livro de Bortoni-Ricardo alerta para esse cenário, aponta para a necessidade de se estudar o comportamento lingüístico como indicador de estratificação social, afirmando que diferentes grupos sociais fazem diferentes usos da língua. Assim, devemos, como professores-educadores, questionar e desmistificar afirmações de que a escola é direcionada para o ensino da língua dominante. São questões lingüístico-educacionais que estão no discurso da escola e que precisam ser debatidas para que possamos, de fato, prosseguir no caminho para uma escola cidadã e inclusiva, compreendendo que a língua é processo histórico de transformação e, como bem material e bem cultural, exige distribuição para não se aprisionar em um único padrão lingüístico. Ignorar a diversidade lingüística, como cultura do aprendiz, é decretar a morte da escola, pois, como afirma Carlos Rodrigues Brandão em seu livro **O que é educação:**

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 1981, p. 7).

De fato, este livro é uma leitura indispensável para professores de ensino fundamental e médio e, também, para professores universitários, formadores daqueles. É, ainda, recomendado para pesquisadores da temática linguagem e educação e formação de professores, além dos interessados em estudos sociolingüísticos.

Prosseguindo como professora e lidando com essa temática em pesquisas e encontros acadêmicos, a autora dialoga, interage e constrói aprendizagens cotidianas. Envolve-se no exercício de interpretar a linguagem na sociedade e de apontar as suas pontes com a educação. Encontra-se, assim, uma descrição etnográfica da sala de aula, foco de atenção de pesquisadores da área de ciências humanas/educação.

Com certeza, o público leitor reverencia.

Resenha recebida em: 15/06/2005.

Aprovada para publicação em: 01/08/2005.